

ENTREVISTA COM A PROFESSORA FÁTIMA PERES ZAGO DE OLIVEIRA: CURRICULARIZAÇÃO DA PESQUISA NO ENSINO SUPERIOR: *EXPERIÊNCIAS COM OS COMPONENTES DE PESQUISA E PROCESSOS EDUCATIVOS NO IFC*

Kauane Ferrari Luiz¹

Secretaria de Estado da Educação (SED/SC), Rio do Sul, Santa Catarina, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-0434-0315>

E-mail: kauane.ferrari09@gmail.com

Elisângela Regina Sell Melz²

Instituto Federal Catarinense (IFC) - Rio do Sul, Santa Catarina, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2011-2734>.

E-mail: elisangela.melz@ifc.edu.br

Bruno Henrique Labriola Misse³

Instituto Federal do Sul de Minas - campus Inconfidentes, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0000-0000-0000>.

E-mail: bruno.misse@ifsuldeminas.edu.br

RESUMO

A Educação é um processo complexo e dinâmico, em constante transformação. Atualmente, destaca-se a necessidade de implementar práticas que promovam a curricularização da extensão e da pesquisa no Ensino Superior. Nesse contexto, o presente estudo apresenta uma entrevista com a professora Fátima Peres Zago de Oliveira, que atuou como Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação do Instituto Federal Catarinense (IFC), com o objetivo de compreender as experiências e reflexões sobre os componentes curriculares Pesquisa e Processos Educativos (PPE). A entrevista oferece uma perspectiva

¹ Licenciada em Matemática pelo Instituto Federal Catarinense (IFC). Professora de Matemática pela Secretaria de Estado da Educação (SED/SC), Rio do Sul, Santa Catarina, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-0434-0315>. E-mail: kauane.ferrari09@gmail.com

² Doutora em Educação Científica e Tecnológica pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Docente Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal Catarinense(IFC) - Rio do Sul, Santa Catarina, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2011-2734> E-mail: elisangela.melz@ifc.edu.br

³ Doutor em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Docente Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal do Sul de Minas - campus Inconfidentes, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0000-0000-0000>. E-mail: bruno.misse@ifsuldeminas.edu.br

institucional sobre a importância das PPEs na curricularização, detalhando a criação, implementação e aprimoramento desses componentes no currículo da instituição. Optou-se por apresentar a entrevista na íntegra, reconhecendo a riqueza do relato e sua contribuição para a compreensão de práticas inovadoras de formação docente no Ensino Superior.

Palavras-chave: Curricularização; Pesquisa em Educação Superior; Formação Docente; Componentes Curriculares; Inovação Pedagógica.

**INTERVIEW WITH PROFESSOR FÁTIMA PERES ZAGO DE OLIVEIRA:
CURRICULARIZATION OF RESEARCH IN HIGHER EDUCATION:
EXPERIENCES WITH RESEARCH COMPONENTS AND EDUCATIONAL
PROCESSES AT IFC**

ABSTRACT

Education is a complex and dynamic process, constantly undergoing transformation. Currently, there is a highlighted need to implement practices that promote the curricularization of extension and research in Higher Education. In this context, this study presents an interview with Professor Fátima Peres Zago de Oliveira, who served as Pro-Rector of Research, Post-Graduation, and Innovation at the Federal Institute of Catarinense (IFC), aiming to understand the experiences and reflections on the curricular components of Research and Educational Processes (PPE). The interview offers an institutional perspective on the importance of PPEs in curricularization, detailing the creation, implementation, and improvement of these components in the institution's curriculum. The decision was made to present the interview in its entirety, recognizing the richness of the report and its contribution to understanding innovative teaching practices in Higher Education.

Keywords: Curricularization; Higher Education Research; Teacher Training; Curricular Components; Pedagogical Innovation.

**ENTREVISTA CON LA PROFESORA FÁTIMA PERES ZAGO DE OLIVEIRA:
CURRICULARIZACIÓN DE LA INVESTIGACIÓN EN EDUCACIÓN
SUPERIOR: EXPERIENCIAS CON LOS COMPONENTES DE
INVESTIGACIÓN Y PROCESOS EDUCATIVOS EN EL IFC**

RESUMEN

La educación es un proceso complejo y dinámico, en constante transformación. Actualmente, se destaca la necesidad de implementar prácticas que promuevan la curricularización de la extensión y la investigación en la educación superior. En este contexto, este estudio presenta una entrevista con la profesora Fátima Peres Zago de Oliveira, quien se desempeñó como Vicerrectora de Investigación, Posgrado e Innovación del Instituto Federal de Catarinense (IFC), con el objetivo de comprender las experiencias y reflexiones sobre los componentes curriculares de Investigación y Procesos Educativos (PPE). La entrevista ofrece una perspectiva institucional sobre la importancia de los PPE en la curricularización, detallando la creación, implementación y mejora de estos componentes en el currículum de la institución. Se optó por presentar la

entrevista en su totalidad, reconociendo la riqueza del relato y su contribución para comprender prácticas innovadoras de formación docente en la educación superior.

Palabras clave: Curricularización; Investigación en Educación Superior; Formación Docente; Componentes Curriculares; Innovación Pedagógica.

APRESENTAÇÃO

A presente entrevista com a professora e doutora Fátima Peres Zago de Oliveira⁴, então Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação do Instituto Federal Catarinense (IFC) no período de 2020 a 2024, integra o projeto de monitoria estudantil desenvolvido nos componentes curriculares de Pesquisa e Processos Educativos (PPE) I e II, ofertados nos quatro primeiros semestres do curso de Licenciatura em Matemática do IFC. O objetivo central desta entrevista foi compreender aspectos institucionais e a vivência da professora Fátima com esses componentes curriculares, além de esclarecer dúvidas frequentes apresentadas pelos estudantes sobre a natureza e a finalidade das PPEs no contexto formativo.

Os componentes curriculares de Pesquisa e Processos Educativos configuram-se como uma proposta inovadora no âmbito da formação docente, uma vez que, desde sua inserção em 2017, buscam curricularizar a pesquisa como prática pedagógica estruturante. Essa inserção representa um marco na política institucional do IFC, promovendo a integração curricular e a introdução da pesquisa desde o ingresso do estudante no curso. Outro aspecto que confere singularidade às PPEs é o caráter interdisciplinar e dialógico de sua condução, ministradas por dois docentes, o que amplia a pluralidade de perspectivas e o aprofundamento dos debates teórico-metodológicos.

Ao longo da entrevista, a professora Fátima compartilha sua trajetória e experiência com as PPEs, relatando o processo de concepção e implementação dos componentes curriculares, bem como os impactos e desdobramentos dessa proposta na formação dos futuros professores do Instituto. Suas falas

⁴ Doutora em Educação Científica e Tecnológica pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pós-doutora em Educação Científica e Tecnológica na UFSC, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. E-mail: fatima.oliveira@ifc.edu.br

evidenciam a relevância da pesquisa como princípio educativo e o caráter transformador dessa prática no contexto das licenciaturas.

A entrevista foi realizada em setembro de 2021 e transcrita com ajustes para facilitar a leitura, mantendo a fidelidade das falas da entrevistada. O texto final foi organizado pela monitora da disciplina, sob orientação dos professores Elisângela Regina Sell Melz⁵ e Bruno Henrique Labriola Misse⁶, e contou com a anuência da entrevistada, que revisou e autorizou a publicação integral de suas falas.

ENTREVISTA COM PROFA. E DRA. FÁTIMA PERES ZAGO DE OLIVEIRA

Luiz: Sou Kauane, monitora de PPE I e II e estudante da Licenciatura em Matemática do IFC, Campus Rio do Sul. Profa. Dra. Fátima, além do Currículo Lattes, quem é a senhora?

Oliveira: Eu sou professora Fátima, mãe de dois filhos – uma mulher e um homem –, sou esposa do Antônio Carlos Oliveira. Adoro ler Chico Bento e também a Mafalda. Chico Bento eu gosto porque ele é muito simples, muito espontâneo, verdadeiro, eu adoro as tiradas dele. E a Mafalda porque ela é bastante reflexiva e instigadora. Estar com estudantes tem me realizado nos meus 38 anos de atuação na Educação Básica. Nos últimos 10 anos, atuei também na graduação no IFC, sempre no Curso de Licenciatura em Matemática. Me realizo como docente e a convivência com os jovens sempre me renova e me desafia. Como a vida está sempre em movimento, cada vez mais valorizo as pequenas coisas e convivências. Amo estar em espaços de divulgação científica e, dentre eles os eventos com estudantes, nos quais eles são os protagonistas, como o Movimento Feira de Matemática, espaço de vida, de compartilhamento, de presença de criança, de adolescente, de jovem, de adulto. As crianças, as juventudes não nos deixam envelhecer. Quando eu falo em envelhecer é não ficar paralisada na minha geração, mas conviver constantemente com quem me coloca em movimento ao rever valores, rever linguagens, me posicionar politicamente e estar sempre em metamorfose na práxis para possibilitar a dignidade humana. O nosso compromisso, como professores, está em formar um sujeito que inter-relacione conhecimentos de maneira crítica, que seja questionador, autônomo e capaz de lidar e transformar as incertezas do mundo contemporâneo, que requer uma prática dialógico-reflexiva.

⁵ Doutora em Educação Científica e Tecnológica pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Docente EBTT do Instituto Federal Catarinense - IFC, Campus Rio do Sul - SC, Brasil. E-mail: elisangela.melz@ifc.edu.br

⁶ Doutor em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp). Docente EBTT do Instituto Federal do Sul de Minas Gerais (IFSULDEMINAS), Campus Inconfidentes - MG, Brasil. E-mail: bruno.misse@ifsuldeminas.edu.br

Luiz: Os alunos da Licenciatura do IFC se deparam com as PPE logo no início do curso. Isso acontece em outras instituições?

Oliveira: As responsáveis, no IFC, pelo início da discussão e por efetivar a inclusão das PPEs nos cursos de licenciaturas são a Reitora, professora Sônia, e a Pró-Reitora de Ensino, a professora Josefa. Com relação às outras instituições, geralmente os cursos de graduação têm a metodologia da pesquisa, a qual geralmente se volta a métodos e técnicas, mais do que ao desenvolvimento de pesquisa a partir do protagonismo estudantil. A curricularização da pesquisa abre espaço para efetivar a pesquisa como processo educativo, proporciona ao professor em formação compreender o mundo que está à sua volta de forma crítica, como possibilidade de aprender a desaprender métodos e técnicas sustentados pela racionalidade técnica. Quando tratamos da racionalidade técnica, partimos da perspectiva instrucionista e reproduzivista também da pesquisa, ou seja, estamos discutindo seu desenvolvimento caracterizado pelo formalismo exagerado, “[...] pela imitação, pelo treino, com fomento à meritocracia e com foco na formação para o mercado de trabalho” (Oliveira, 2017, p. 9). Mas... será que é possível ter pesquisa nessa perspectiva? Sim, temos autores que defendem e acreditam nisso, como Filipecki, Barros e Elia (2005, 2006), Heck et al. (2012) e Neves (2001). Segundo eles, a iniciação à pesquisa é concebida como espaço no qual se aprende por imitação e treino e não pela dialogicidade, criatividade, curiosidade, autoria, protagonismo. Dessa maneira, eles assumem uma característica antidialógica, por meio da qual o professor orientador instrui e o estudante reproduz, da mesma forma que não é oportunizado o espaço para o estudante se constituir como sujeito do processo. É importante relembrarmos que estamos com professores de Matemática em formação e que precisam se constituir como sujeitos criativos, curiosos, questionadores, críticos, reflexivos e com conhecimento profundo. Destarte, essa forma de conceber o processo de formação inclui a iniciação à pesquisa que instigue o questionamento crítico e criativo, o despertar da curiosidade ingênua para se tornar epistemológica, da tomada de decisão, da autoria. A pesquisa, dessa forma, também é concebida como a reconstrução do conhecimento (Demo, 2002), com originalidade e instigando o estudante a se amparar na autoridade do argumento, e não no argumento da autoridade, o que lhe permite o exercício e desenvolvimento da autonomia numa perspectiva dialógica e problematizadora. Esse é um aspecto fundamental da PPE nos cursos de licenciatura do IFC. A proposta é ser um espaço para instigar a reflexão sobre a ação, a integração entre os componentes curriculares e, quicá, entre os cursos. Ela propõe a pesquisa numa perspectiva de formação humanizadora (Oliveira, 2017) e, portanto, é mais que uma técnica, sendo essa formação a essência do processo. Enquanto perspectiva humanizadora, temos autores que discutem a Iniciação à Pesquisa, como Bazin (1983) e Ferreira (1999, 2001, 2003, 2005). Em relação à curricularização da pesquisa, em curso de graduação em instituição pública, não conheço componentes como a PPE em outra instituição. Com certeza, essa proposta é bastante inovadora, tem continuidade e, no caso do Curso de Licenciatura em

Matemática do Campus Rio do Sul do IFC, ainda mantendo-se dois docentes, permite-se essa integração. Para você ter uma ideia, na Pedagogia são oito semestres com PPE e, nos demais cursos, quatro, o que permite que todos os professores em formação da instituição tenham acesso à pesquisa. Portanto, PPE é uma inovação nos cursos de licenciatura do IFC.

Luiz: Considerando sua afirmação e olhando para o curso como um todo, vejo que os quatro primeiros semestres da licenciatura em Matemática são compostos por quatro componentes curriculares de PPE, e, após PPE, iniciamos os estágios. Existe alguma ligação direta que associe esses dois componentes curriculares? Quero dizer, essa sequência foi pensada propositalmente, ou isso é apenas uma casualidade?

Oliveira: Eu, Fátima, sempre entendi que é uma continuidade, para que o professor em formação tenha o acesso a uma iniciação à pesquisa, à escrita, aprofundando com outros temas para além da Matemática. O professor em formação que teve as PPEs, quando chega no estágio, já teve um momento que possibilitou processos de escrita com reflexão. E, ainda, um olhar para o estágio vinculado a projetos, à investigação, à autoria do estudante. Não desenvolvemos uma pesquisa sobre isso, mas, pela minha experiência de já ter atuado nos componentes curriculares de estágios I e II, para uma turma vinda das PPEs, percebi que eles tinham mais facilidade de escrita, de planejamento. Pelo que me parece, PPE favorece muito essa condição. Então, eu concebo essa sequência (PPEs e Estágios) como uma linha contínua e preparatória do professor que está em formação. Isso porque, desde o primeiro semestre, já é feito o contato com a pesquisa e observação de material didático. No semestre seguinte, agregam-se as questões de gênero, de etnias, e depois as tendências em Educação Matemática, mas sempre no desenvolvimento inicial dos processos de pesquisa e com a construção de autoria. É nesse sentido que eu vejo que há continuidade, que é uma condição natural de criticização do conhecimento, até porque o acadêmico já vai ter a condição da escrita, já vai ter escrito um objetivo de pesquisa, ter um olhar sobre uma teoria que contribui para a resposta de um problema, analisando o processo e os dados. Por isso, entendo que ele, com a vivência nas PPEs da iniciação à pesquisa, chega ao estágio com uma condição melhor de observação, reflexão, planejamento, análise e escrita de todo o processo.

Luiz: Como esses componentes curriculares são vistos pela Reitoria, no sentido de formação docente?

Oliveira: Reitoria não está desvinculada dos *campi*, mas, sim, é o locus que promove as discussões coletivas entre e com os cursos. Logo, a percepção das inovações que promovem a formação docente faz parte de todo o IFC, e claro, também de quem está na Reitoria. Não existe a Reitoria e os *campi*, existe o IFC como um todo. Dessa maneira, há a compreensão da essencialidade de ter, nos cursos de formação docente, processos e componentes curriculares

que promovam a produção do conhecimento. Há a convicção de que precisamos nos distanciar do paradigma do exercício (Skovsmose, 2001), pelo qual a proposta metodológica da aula de Matemática procura seguir sempre o mesmo roteiro: definição, exemplo, uma lista de exercícios e avaliação. Sendo assim, o professor em formação se vê nessa condição e parece que é só isso que existe, né? E não é só isso, o professor em formação precisa ser autor, ter autonomia, tomar decisões na construção do conhecimento para que possa, quando atuar na Educação Básica, instigar nos estudantes o questionamento, a autoria, a iniciação à pesquisa. Também sabemos que, em um curso de graduação, PPE não vai dar conta de tudo, entende? Entretanto, possibilita que o acadêmico vivencie formas diferentes de aprender, de participar de processos de integração e produção do conhecimento enquanto professor de Matemática. Ou seja, permite aprofundar para além de um determinado conceito, numa perspectiva integradora, reflexiva, crítica; numa relação com o mundo real, com temas contemporâneos, com resolução de problemas de uma comunidade. Esse processo de discussão coletiva colaborativa, provocado pela Pró-Reitoria de Ensino, é justamente para provocar o compromisso coletivo com a formação do professor que necessitamos. Um compromisso que provoca o distanciamento de uma prática reproduzivista, na qual acontece o plágio dos plágios. Numa sociedade que se importa pouco com ciência e tecnologia, pelo fato de o jovem não aprender a pesquisar, pouco se instiga a produzir texto próprio com profundidade (Demo, 2014). Ou seja, o professor não é o autor do que ele reproduz, do que ele quer trabalhar com os estudantes. Na verdade, ele repassa conceitos, conteúdos que muitas vezes não são compreendidos e internalizados pelo estudante. Entendo que, quando há produção, a autoria se torna um processo que não é esquecido tão facilmente. Então, tanto o docente quanto o acadêmico precisam produzir um problema, buscar resposta para ele a partir de muito aprofundamento, ao invés de resolver problemas prontos, comprehende? O aluno precisa ser autor e pesquisar para além do que está fazendo é proposto. Por isso o entendimento de que as PPEs estão presentes na vida formativa do licenciando em Matemática justamente para provocar autoria no acadêmico. Ele não vai só reproduzir um livro, ou só reproduzir o que está pronto, mas, instigado a pesquisar, ele vai se movimentar para buscar novas alternativas, tomar decisões, produzir, aprofundar cientificamente um determinado saber. Esse é um processo de formação para o professor que precisa existir num momento em que o imponderável toma conta da vida de nossos jovens e, como nunca, está sendo necessário educar num processo de autoria, de tomada de decisões, de investigação, de aprofundamento com diversas fontes, na busca de solução para um determinado problema de interesse dele. O jovem precisa se sentir capaz de buscar diferentes alternativas para que, analisando-as, possa ser autor do seu próprio conhecimento. Kauane, enquanto professora em formação, a PPE é constituída como um espaço de desenvolvimento da pesquisa e tem como função integrar e articular conhecimentos diversos no seu processo formativo. Vem justamente para te trazer outras condições de aprendizagem, de percepções de ensino, para além da reprodução. Então, se pensou PPE por quê? Porque é relevante ter componente curricular que possa articular a

pesquisa, a integração de componentes curriculares e quiçá a extensão. Dependendo do semestre, os professores vão conversar, dependendo não, e com a PPE você meio que cutuca os professores a conversarem e a planejarem algo em conjunto, entendeu? Vem para provocar esse movimento de integração entre os componentes curriculares do semestre e para além dele. PPE possibilita para o professor se sentir ensinando e aprendendo e para você, Kauane, como professora em formação, se sentir aprendendo e ensinando. O que o estudante faz é trazer conhecimento novo e profundo para os docentes também. Um conhecimento novo não significa que tem que ser algo totalmente inédito, mas o conhecimento antigo problematizado e aprofundado de uma maneira nova, entendeu?

Luiz: Os componentes curriculares de PPE têm algumas características bem peculiares, por exemplo, o fato de terem mais de um professor. Na minha vivência de PPE, percebi que isso contribuiu bastante para a minha formação. Mas como isso é visto pela instituição? Qual o perfil dos professores que atuam nesses componentes curriculares?

Oliveira: Inicio com algumas questões: Por quê, para que e para quem a PPE na formação de professores? Com essas questões, percebemos PPE como curricularização da pesquisa na formação dos professores, de modo a que todos os acadêmicos tenham acesso à pesquisa. Porém, como a pesquisa, ela geralmente não acontece na Educação Básica, há a necessidade de superação de conceitos e de realizar a pesquisa para além de copia e cola numa vertente reproduzivista, mas numa perspectiva humanizadora (Oliveira, 2017). Daí a importância de ter mais de um professor com olhares diferentes, interagindo para um melhor acompanhamento dos estudantes, oportunizando mais acesso à orientação e, principalmente, instigando e garantindo, de forma processual, a integração entre os componentes curriculares do semestre, conforme prevê o regulamento da PPE, no PPC do curso de licenciatura do campus Rio do Sul. Então, diante da quantidade de alunos que nós temos nos primeiros semestres do curso, diante do processo de compreensão do que é pesquisa para os estudantes, ter um único professor pode fragilizar o processo. Vejo, ainda, a relevância de essa composição ser feita por um professor da área específica e outro da área de Humanas, para, realmente, provocar a questão da pesquisa e da integração via PPE. Outra questão importante é o fato de os acadêmicos e acadêmicas se depararem com dois professores no componente curricular, para “sair da caixinha”, sabe? O que não se pode perder de vista é, por meio das PPEs, instigar a integração dos componentes curriculares. Ainda, essa responsabilidade pode também ocorrer via acadêmicos, ao provocar outros professores para a pesquisa. É por isso que existe PPE: para os estudantes começarem a ter atitudes de questionamento e de tomada de decisão no processo formativo.

Luiz: Um aspecto interessante de ter tido dois professores ministrando PPE no mesmo semestre é, como você destacou, que são duas visões diferentes de um mesmo conteúdo. Mas eu queria entender por que a gente não tem isso em outros componentes curriculares?

Oliveira: Nesse momento, isso acontece em função de não termos docentes suficientes para tal. Você quer saber um pouquinho da história? Na primeira turma da licenciatura em Matemática aqui do Campus, em 2010, eu e a professora Paula entramos juntas para trabalhar Fundamentos em Matemática. Naquele momento, tínhamos apenas a primeira fase. Por dois anos atuamos em vários componentes curriculares nos quais adentramos com dois professores. Porém, com a integralização do curso, isso não foi mais possível em função da carga horária dos docentes. Contudo, percebo que atuar em dois ou mais professores num mesmo componente curricular possibilita um trabalho compartilhado e colaborativo, cuja relação de respeito entre os docentes faz parte do processo da formação dos acadêmicos. Para além disso, ocorre também a identificação dos acadêmicos com um dos docentes do componente curricular, o que facilita a iniciação à pesquisa. Ter mais de um professor na PPE é o ideal, porém não está garantido em função do número de docentes que temos. O ideal seria mais que um professor em componentes que exigem uma orientação mais direta como em PPE e no estágio curricular. Nesse compartilhamento, ganham os estudantes e ganham os professores no processo formativo.

Luiz: Professora Fátima, conte-nos um pouco do seu contato com os componentes curriculares de PPEs.

Oliveira: Meu contato com os componentes curriculares de PPE começou quando eu returnei do doutorado, em 2016, e essa inserção estava sendo feita no currículo. Eu fiquei muito feliz, porque eu fui uma professora que trabalhou desde o início, o ano de 2000, com o componente curricular Iniciação Científica no Ensino Médio, aqui do *campus*, e sempre acreditei que todos os estudantes precisam ter acesso à pesquisa para além das Políticas Públicas de bolsas, às quais apenas alguns têm acesso. Eu trabalhava o componente curricular *Concepções*⁷ e estágio naquele momento [2016], quando houve uma distribuição de aulas. Eu e uma professora de Matemática atuamos no componente curricular de PPE II. Nela se discute a epistemologia do professor de Matemática e a formação profissional na perspectiva das diversidades étnico-raciais, de gênero, sexual, religiosa, de faixa geracional, da inclusão, dos direitos humanos e da educação ambiental (IFC, 2017). Construímos o plano de ensino e aprendemos muito, porque tivemos que aprofundar os temas transversais. Atuamos em duas professoras de Matemática, sendo que os estudantes, em grupos distintos e por tema de diversidade, fizeram um levantamento bibliográfico do tema com a Educação Matemática e estudaram um LD do ensino fundamental com olhar sobre o tema presente nele. No final do componente curricular, escreveram um *paper*, em forma de artigo, que envolveu todo o estudo desenvolvido. Superamos os desafios em conjunto com a turma de estudantes e, no ano seguinte, eu e a mesma professora

⁷ O componente curricular *Concepções* em Educação Matemática (30h) foi oferecido até o ano de 2016, no 4º semestre do curso, e discutia, entre outros pontos, a pesquisa brasileira em Educação Matemática.

trabalhamos com a pesquisa documental por temas, na PPE III, que envolve levantamento e análise de dados. Isto é a pesquisa em processo: a desmistificação da ciência e diferentes tipos de conhecimento com construção do primeiro ensaio de pesquisa, integrando os diferentes componentes curriculares do semestre (PPE I), aprofundamentos de temas transversais com pesquisa (PPE II) e metodologias mais apuradas de pesquisa, com foco nas tendências em Educação Matemática nas PPE III e IV. Em 2017, tive a oportunidade de compartilhar a PPE I com um professor de Pedagogia. Ao estudar o planejamento da PPE no PPC do curso, organizamos reuniões com os demais professores do semestre para pensar a integração dos componentes curriculares. No primeiro encontro, coletivamente decidimos trabalhar com livros didáticos (LDs) de diferentes épocas, comparando dois deles, sendo um anterior e outro posterior à promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996). Os acadêmicos foram divididos em duplas e cada uma delas aprofundou um conteúdo nos dois LDs escolhidos, sendo ambos destinados ao mesmo ano escolar. Buscamos possibilitar que eles produzissem o texto final, um ensaio com discussão sobre as diferentes abordagens do mesmo conteúdo em LDs de épocas diferentes, buscando trazer para a discussão a História da Educação⁸ nos diferentes períodos históricos. Sabíamos que não havia condições para a produção de um artigo profundo que envolvesse os componentes curriculares do semestre, então alguns alunos analisaram, por exemplo, a Geometria, e perceberam que ela, em alguns momentos da história da educação brasileira, nem aparecia nos LDs ou surgia como o último capítulo. A partir disso fizeram uma discussão crítica do processo histórico e da inserção da geometria nos LDs. No ano seguinte, 2018, trabalhamos em três professores na PPE I, eu da Educação Matemática, uma professora da área de Filosofia e outro da História. Nossa preocupação foi que houvesse mais integração. Por isso, construímos juntos um projeto integrador com todos os docentes do semestre, um projeto da PPE I, no qual os diferentes componentes curriculares previram temas articulados para o desenvolvimento de um ensaio literário. Um dos desafios desse momento foi integrar a avaliação entre os diferentes componentes curriculares. Ao descreverem os resultados do processo, ao final do semestre, os acadêmicos colocaram a superação de visões distorcidas de ciência e de pesquisa. Relataram que entendiam por pesquisa qualquer busca na internet, sem olhar a fonte condicionada a um “copia e cola” para realizar um trabalho descriptivo. Nesse mesmo ano atuamos, eu e uma professora de Matemática, na PPE IV. O início do processo foi a elaboração coletiva com os professores em formação do Plano de Ensino, na sequência trabalhamos oficinas e aplicação delas no Ensino Médio. No ano seguinte, novamente trabalhamos na PPE I com o livro didático, mas de forma diferente, escolhendo só um tema, as frações. No componente curricular de Fundamentos, por exemplo, quando entrou em pauta esse assunto, nós, da PPE, trabalhamos a observação de como os diferentes significados de frações eram trazidos nos LDs de períodos diferentes. Já para a PPE II daquele ano, os mesmos três professores trabalhavam as diversidades em forma de portfólio, em uma produção que não fosse

⁸ O componente curricular História da Educação participou da integração para discussão dos LDs.

um artigo, mas algo informativo. Assim, cada acadêmico poderia fazer uma oficina com a turma e trazer materializada uma síntese do tema trabalhado, em forma de panfleto, *site* na internet, dentre outros. Eu me lembro que o grupo que trabalhou o tema gênero foi buscar na Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM) quantas mulheres e quantos homens passaram pela diretoria da associação. O mesmo foi feito com a Sociedade Brasileira de Matemática (SBM) e os estudantes chegaram à conclusão de que na SBEM havia muita mulher, já na SBM quase só homens. O que tenho a dizer é que o componente curricular PPE nos possibilita enquanto professores formadores estar sempre em movimento de estudo e de aprofundamento da pesquisa enquanto processo formativo. Para os professores em formação dá condições de pesquisar, criar, ser autor, questionar, analisar, interagir e ter, no seu processo formativo, estratégias que desenvolvem a autonomia e a relação com a Educação Matemática de forma crítica e reflexiva.

Luiz: Como aluna e monitora dos componentes curriculares de PPEs, entendo que são componentes curriculares que têm como objetivo instigar a pesquisa em sala de aula. Inclusive, é possível ver os impactos na vida dos discentes após o contato com o componente. Gostaríamos de saber se, na sua experiência como professora desses componentes curriculares, foi possível observar as diferenças na formação e nos hábitos dos alunos antes e depois da implementação de PPE na matriz curricular?

Oliveira: A avaliação feita pelos acadêmicos, no final do componente curricular, nos trouxe as reflexões sobre os impactos na formação deles, provocados pela PPE I. Eles avaliaram que o principal impacto foi desmistificar os conceitos de pesquisa e de ciência. Antes, achavam que pesquisar era copiar da internet, mudar um pouco a escrita e entregar para o professor. Ali, conseguiram desmistificar isso, percebendo que o conhecimento científico possibilita independência intelectual, torna o ensino-aprendizagem como processo de *codiscernimento*, possibilita melhor interação entre professor e estudante, leva à autoria e autonomia. Por exemplo, naquele momento, eles trabalharam com os LDs de dois períodos distintos, como dito antes. Eles não tinham como copiar de outro lugar a análise e as observações deles: precisaram se aprofundar nos conceitos, identificar e analisar se os pactos de diferentes períodos da história brasileira interferiram ou não na produção dos LDs, analisar a abordagem dada para um mesmo conceito matemático num determinado período histórico e se havia completude com o processo reflexivo para o conceito que aparecia nos livros. Tiveram que analisar, de acordo com o tempo histórico, se esses livros eram mais reproduzitivos ou não. Também, investigaram como cada LD apresentava os conteúdos: numa perspectiva de paradigma de exercício ou mais crítico e reflexivo, conforme nos apresenta Skovsmose (2001). Alguns acadêmicos relataram que jamais irão olhar para o LD apenas como um instrumento. Após a pesquisa, com certeza, eles olharão o livro didático com vários cuidados – histórico, abordagem metodológica, completude de

conceitos, dentre outros. É relevante lembrar que todos os professores em formação irão chegar ao momento de fazer a escolha de LDs como docentes. De todo modo, acredito que há impacto. Por exemplo, sem PPE os professores em formação não estariam aprendendo a fazer uma pesquisa bibliográfica mais aprofundada, a escrever um objetivo já na primeira e na segunda fases do curso, não teriam um olhar mais crítico e aprofundado sobre a pesquisa e impactos sociais da mesma. Percebo que, em outros cursos de licenciaturas, alguns estudantes têm acesso a uma iniciação à pesquisa, ou seja, não há a curricularização da mesma. Essa inserção permite, também, a vivência dos estudantes, por meio da pesquisa, compreendendo as tendências em Educação Matemática, percebendo as diferenças entre abordagens em diferentes produções. A PPE possibilita buscar, aprofundar, questionar, tomar decisões, escrever num processo de autoria, ser curioso, entender sua incompletude enquanto ser humano. Nessa direção, eu poderia perguntar para você, Kauane: você fica inquieta quando está tendo PPE e não está vendo essa integração com os demais componentes curriculares acontecer? Você fica inquieta ou isso é normal? Eu, Fátima, penso e desejo que a PPE tire o acadêmico da zona de conforto e que perceba a anormalidade de ter os componentes curriculares de forma fragmentada, com atitudes que provoquem a integração onde ela não ocorre. Na escola formal, da Educação Básica, desde a Educação Infantil, muitas vezes não se permite essa condição de integração. Você cresceu numa escola que é organizada sempre em caixinhas e acaba achando isso normal, mas a PPE deveria tirar essa normalidade, e esse é, na minha opinião, o principal objetivo. Outra pergunta que pode ser feita é: a produção oportunizada pela PPE pode ser feita de qualquer jeito? Entendo que é o processo de orientação que oportuniza esse aprofundamento, daí a importância de ter mais de um docente à frente do componente curricular. Essa relação com a PPE pode impactar na prática docente de cada professor em formação que a vivencia. Ainda há dois pontos de impacto que gostaria de destacar: as avaliações e a ABNT. O componente curricular de PPE permite que acadêmico tenha contato com diferentes formas de avaliar, que poderiam ser, por exemplo, provocadas em aulas de cálculo. Quanto à ABNT, ela é utilizada como uma técnica que você pode consultar sempre que tiver dúvidas, não há a necessidade de uma aula sobre ela. No processo de escrita o acadêmico vai buscando a forma de utilização. Ou seja, o foco da PPE não é a ABNT, mas, sim, a pesquisa como processo formativo e científico que precisamos avançar trazendo a extensão como comunicação.

Luiz: Estamos no processo de avaliar o curso, por conta dos quatro anos da matriz curricular. Neste momento, como a Pró-Reitoria avalia as conquistas e os desafios do componente curricular de PPE no IFC?

Oliveira: Entendo que a principal conquista no IFC é ter PPE nos cursos de licenciatura, a qual proporciona aos professores em formação esses momentos de reconhecimento, de produção de pesquisa. É um componente curricular inovador, também, porque coloca cada professor em formação em movimento, tira-o da sua zona de conforto e promove, dessa maneira, o

pertencimento como ser humano no processo formativo. Já no âmbito da Pós-Graduação e no mestrado, que também fazem parte da Pró-Reitoria na qual atuo no momento, quem faz a PPE provavelmente vai para o mestrado mais preparado, com mais condições de desenvolver pesquisa, com mais pé no chão, uma vez que já vivenciou esse processo. É uma conquista saber que cada acadêmico dos cursos de licenciatura do IFC pode se perceber como autor nessa etapa de formação. Dessa forma, pode acontecer numa Pós-Graduação de você vivenciar situações em que os colegas vão falar, “eu não sei fazer isso”, e você, Kauane, vai perceber que já fez pesquisa com diferentes metodologias, sejam elas empírica, documental, bibliográfica, dentre outras e teve que escrever todo esse processo. Por exemplo, nesta entrevista que estamos fazendo no momento, vocês tiveram o cuidado de me fazer assinar um termo de consentimento. Ou seja, esta vivência você já tem e, normalmente, quem está no mestrado ainda não fez, não sabe o que é. Então, esses processos são fundamentais, porque a pesquisa é isso, é você compreender o mundo à sua volta, mas não com as informações banais e básicas, mas, sim, com mais profundamente, sabendo em quais fontes buscar esses conhecimentos e, quiçá, utilizá-las para a dignidade humana. Na pesquisa, você vê ainda que não sabe tudo, e que aquilo que você está pesquisando é pouco, que não sabemos tudo e que precisamos de outras pessoas nas diferentes áreas do conhecimento para que possamos viver de forma digna. Então, a pesquisa faz ao mesmo tempo você se sentir cientista, capaz de produzir, mas, também, perceber que há muito conhecimento para além do que você produz. Esse conhecimento pode ter racionalidade técnica ou ser reflexivo e crítico, podendo promover a equidade social. Então, como pró-reitora, eu não tenho dúvidas de que a PPE prepara os acadêmicos para a pesquisa, para fazer projetos, participar de projetos, envolver-se para além dos conteúdos específicos e analisar com reflexão e criticidade um determinado objeto de estudo. Vejo a PPE como inovação no ensino para a formação do acadêmico de forma a torná-lo mais humano e se perceber como autor do conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente entrevista com a professora e doutora Fátima Peres Zago de Oliveira, que atuou como Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação do Instituto Federal Catarinense (IFC), entre 2020 e 2024, teve como foco o componente curricular de Pesquisa e Processos Educativos (PPE), presente no currículo dos cursos de Licenciatura do IFC. O objetivo principal foi esclarecer aspectos relacionados ao componente curricular, bem como compreender a experiência da pró-reitora na implementação e consolidação dessa prática pedagógica nos cursos de formação docente.

Ao longo da entrevista, foi possível aprofundar a compreensão sobre a trajetória profissional da professora Fátima, evidenciando sua longa experiência com pesquisa, desde a atuação no Ensino Médio, e seu compromisso com a formação de professores capazes de

desenvolver autonomia, autoria e pensamento crítico. Observou-se que a introdução das PPEs no currículo dos cursos de Licenciatura, em 2017, representou uma inovação significativa, promovida pelo empenho conjunto da reitora Sônia Fernandes e da própria pró-reitora Fátima, que buscava difundir a pesquisa como prática pedagógica formativa e integradora.

A inserção das PPEs em todos os cursos de Licenciatura do IFC permite que os futuros docentes vivenciem a pesquisa de forma contínua e estruturada, articulando conhecimentos teóricos e práticos, e promovendo a integração entre componentes curriculares e a reflexão crítica sobre a prática educativa. Essa experiência evidencia que as PPEs não apenas introduzem os acadêmicos à investigação científica, mas também fortalecem sua capacidade de análise, de tomada de decisões e de desenvolvimento de projetos de ensino inovadores.

Para mim, como monitora dos componentes curriculares, a realização desta entrevista constituiu uma experiência desafiadora e enriquecedora. Além de possibilitar a aproximação com a história e os fundamentos das PPEs, proporcionou uma compreensão mais profunda sobre a importância estratégica desses componentes curriculares na formação inicial de professores de Matemática, destacando seu caráter inovador, crítico e transformador. Assim, a entrevista contribui não apenas para a valorização institucional das PPEs, mas também para o fortalecimento da reflexão sobre práticas pedagógicas que promovam a autonomia, a autoria e a criticidade dos futuros docentes.



Entrevistadora Principal

Profa. Kauane Ferrari Luiz



Entrevistada

Profa. Dra. Fátima Peres Zago de Oliveira

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Professora Doutora, Fátima Peres Zago de Oliveira, pela disponibilidade e generosidade em compartilhar sua trajetória, suas reflexões e experiências no campo da pesquisa e da formação docente. Sua contribuição foi essencial para a construção deste trabalho e para o aprofundamento da compreensão sobre as disciplinas de Pesquisa e Processos Educativos (PPE) no Instituto Federal Catarinense.

Estendemos nossos agradecimentos aos professores responsáveis pelos componentes curriculares PPE I e II, pela dedicação e pelo compromisso com a formação crítica e investigativa dos futuros docentes. Agradecemos, de modo especial, aos professores orientadores Elisângela

Regina Sell Melz e Bruno Henrique Labriola Misce, pela escuta atenta, pela orientação cuidadosa e pelo incentivo constante à pesquisa e à produção acadêmica como práticas de emancipação e aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BAZIN, M. O que é Iniciação Científica. **Revista Brasileira de Ensino de Física**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 81-88, 1983.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, v. 134, n. 248, 23 dez. 1996. Seção IV.

DEMO, P; Iniciação Científica: razões formativas. In: MORAES, R.; LIMA, V. M. R (Org.). **Pesquisa em Sala de Aula**: tendências para a Educação em novos tempos. Porto Alegre: PUCRS, 2002. p. 103-126.

DEMO, P. Educação Científica. **Revista Brasileira de Iniciação Científica**, Itapetininga, v. 1, n. 1, IFSP, maio 2014.

FERREIRA, C. A. A Iniciação Científica no Ensino Médio: uma análise sócio-institucional do processo de ampliação do Programa de Vocação Científica (PROVOC) da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/Fundação Oswaldo Cruz. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS (ENPEC), 2., 1999. **Anais [...]**. Enpec, 1999.

FERREIRA, C. A. Os pesquisadores-orientadores do PROVOC/FIOCRUZ: visões e concepções da iniciação científica no Ensino Médio. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS (ENPEC), 3., 2001. **Anais [...]**. Enpec, 2001.

FERREIRA, C. A. Concepções da Iniciação Científica no Ensino Médio: uma proposta de pesquisa. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 115-130, 2003.

FERREIRA, C. A. A Iniciação Científica no Ensino Médio: a experiência do Programa de Vocação Científica na Fiocruz. In: CONGRESSO MUNDIAL DE CENTROS DE CIÊNCIAS, 4., 2005. **Anais [...]**. 2005.

FILIPECKI, A. T; BARROS, S. S.; ELIA, M. A Iniciação Científica de estudantes do Ensino Médio na visão dos Pesquisadores orientadores. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 5., 2005. **Atas [...]**. Enpec, 2005.

FILIPECKI, A.; BARROS, S. S.; ELIA, M. F. A visão dos professores pesquisadores de um programa de vocação científica sobre Iniciação Científica de Estudantes do Ensino Médio. **Ciência e Educação**, Bauru, v. 12, n. 2, p. 199-217, 2006.

HECK, T. G. et al. Iniciação Científica no ensino médio: um modelo de aproximação da escola com a universidade por meio do método científico. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, Brasília, v. 8, p. 447-465, mar. 2012. Disponível em: <https://rbpg.capes.gov.br/rbpg/article/view/245>. Acesso em: 20 out. 2025.

IFC. Instituto Federal Catarinense. **Plano de Curso de Licenciatura em Matemática**. Florianópolis, 2017.

IFC. Instituto Federal Catarinense. **Resolução 13/2022-CONSUPER**. Dispõe sobre a curricularização da extensão e da pesquisa nos cursos do Instituto Federal Catarinense (IFC). Florianópolis, 2022. Disponível em: <https://consuper.ifc.edu.br/wp-content/uploads/sites/57/2022/11/Resolucao-no-013-Consuper2022.pdf> Acesso em: 22 ago. 20223.

NEVES, R. M. C. Das lições de Iniciação Científica ou a Pedagogia de Laboratório. **História, Ciências, Saúde**, Manguinhos, v. 7, n. 3, p. 71- 97, mar./jun. 2001.

OLIVEIRA, F. P. Z. de. **Pactos e impactos da Iniciação Científica na formação dos estudantes do Ensino Médio**. 2017. 343 f. Tese (Doutorado em Educação Científica e Tecnológica) – Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

SKOVSMOSE, O. **Educação Matemática Crítica**: a questão da democracia. Campinas: Papirus, 2001. (Coleção Perspectivas em Educação Matemática).